

# 11 DE SETEMBRO VISTO DE OUTRA FORMA: AS CONTRIBUIÇÕES ESTÉTICAS PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## *SEPTEMBER 11 SEEN OTHERWISE: AESTHETIC CONTRIBUTIONS TO INTERNATIONAL RELATIONS*

NATANAEL GOMIDE JUNIOR<sup>1</sup>

Universidade Federal de Uberlândia  
E-mail: natanaelgomidejunior@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar as contribuições que a abordagem estética oferece para compreender os fenômenos da política internacional, com análise detida para os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. A abordagem estética está preocupada com o *gap* que se abre entre a forma de representação e o objeto que se busca representar, aceitando isso como inevitável. Essa abordagem traz novos elementos para análise dos fenômenos internacionais, como a música, as emoções e todo o campo da arte, em geral. Além do mais, é imprescindível na realização da crítica e auto reflexão dos conceitos e teorias que são convencionados nas Relações Internacionais. Para atingir o objetivo deste artigo, recorreremos à revisão bibliográfica como metodologia. A conclusão é que, com relação especificamente aos atentados de 11 de setembro, a virada estética nas Relações Internacionais demonstra a importância da diversificação de métodos para a compreensão desse fenômeno político, incorporando inúmeras teorias e métodos de outras ciências e contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um campo mais plural de conhecimento.

**Palavras-chave:** Teorias das Relações Internacionais; Pós-Modernismo; Abordagens Estéticas; 11 de setembro.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the contribution that the postmodern aesthetic approaches offers to understand the terrorists attacks of 9/11. The aesthetic approach focus on the gap between the form of representation and the search the object represent, accepting it as inevitable. These approaches bring new elements for analysis of international phenomena, like music, emotions and the whole field of art, in general. Furthermore, it is indispensable in the realization of self-reflection and critical theories and concepts that are mainstream in International Relations. To achieve the purpose of this article we resorted to the bibliographic review. Therefore, the aesthetic turn contributes to the development of more plural international relations by offering different methods to understand politics as a whole.

**Key-words:** Theories of International Relations; Postmodernism; Aesthetic Approaches; September 11.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia. Telefone: (16) 988108044

## **INTRODUÇÃO**

Os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos são comumente vistos e entendidos nas relações internacionais como um ataque à soberania nacional, como uma falha do aparato de inteligência estatal e como uma destruição do senso de segurança doméstica nos EUA. Superando as abordagens tradicionais nas Relações Internacionais, a abordagem estética traz novos elementos para a compreensão dos fenômenos internacionais, como a música, a literatura, os poemas, os desenhos, as emoções e todo o campo das Artes em geral (Bleiker, 2009).

A corrente estética tem como pressuposto principal que as representações são sempre um ato de poder, ou seja, o objeto que se escolhe representar e como isso é feito é um processo que envolve inclusões e exclusões, dentro de uma infinidade de possibilidades. A abordagem estética possibilita, portanto, uma ampliação do nosso entendimento sobre os acontecimentos e eventos políticos, incorporando elementos do campo das Artes, da Psicologia e de outras disciplinas (Bleiker, 2009).

O objetivo deste artigo é apresentar e analisar as principais contribuições da abordagem estética para as Relações Internacionais em geral, e, em um segundo momento, para a compreensão dos atentados de 11 de setembro de 2001. Com vistas a atingir este objetivo recorreremos à revisão bibliográfica.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira parte, discorre-se brevemente sobre as correntes tradicionais nas Relações Internacionais. Logo depois, discute-se sobre a virada inter-paradigmática. Na terceira parte, apresentam-se as contribuições estéticas para o campo de estudos. Na última parte, analisa-se as contribuições que a corrente estética pode oferecer para um entendimento mais amplo dos atentados terroristas de 11 de setembro.

### **1. AS CORRENTES TRADICIONAIS EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

A origem, desenvolvimento e institucionalização do campo das Relações Internacionais remonta ao período entre Guerras, mais especificamente 1917, com a criação do primeiro

departamento acadêmico da disciplina. Nesse momento, a disciplina surge com uma questão normativa premente, como e quais seriam as condições para livrar o mundo dos horrores da guerra. A partir de então, duas correntes rivais irão balizar o pensamento internacional até o final dos anos 1970, o realismo e o liberalismo, e suas respectivas atualizações, o neorealismo e o neoliberalismo.

O realismo acredita que a paz é desejável, mas não há uma forma fácil de ‘fugir’ da lógica da competição e da segurança (Mearshemier, 2001). Os realistas acreditam que as análises de política internacional devem se focar na real dimensão do poder, ou seja, nas capacidades materiais e militares que cada Estado detém, visto que em última instância, são elas que possuem poder de determinar guerras, de balancear poder<sup>2</sup>.

O realismo se foca nas relações que são estabelecidas entre os Estados, visto que acredita que estes são as unidades políticas com prerrogativas decisivas na política internacional, como o poder de decretar a guerra e estabelecer a paz, o poder de estabelecer quem são os “amigos” e os inimigos no sistema internacional. Com foco nas relações interestatais, o realismo está preocupado com as capacidades materiais e militares que cada Estado possui, já que estas são determinantes na posição política que cada Estado irá ocupar no sistema internacional. Na concepção realista, os Estados são unidades políticas unitárias e racionais que vão sempre perseguir interesses racionais nacionais.

Outra importante consideração dos realistas é a de que a anarquia é o princípio ordenador do sistema internacional. Visto que todos os Estados são soberanos e independentes, não há *rulers* para administrar e dirimir as controvérsias que surjam entre os Estados soberanos. Por isso, cada Estado deve contar apenas com a autoajuda, ou seja, com suas próprias capacidades para lutar pela sobrevivência ou se defender de possíveis ameaças. No pensamento realista, a política internacional é um jogo de soma zero, ou seja, o ganho de um se dá necessariamente a dispêndio de outro.

---

<sup>2</sup> A balança de poder, em suma, é uma reação à ameaça dos outros Estados. Dito em outras palavras, se uma grande potência ou outro país percebe que algum outro país por ventura é sinal de ameaça e ele está ficando vulnerável no sistema internacional, este primeiro buscará suprir esse *gap* por meio do incremento de poder de duas formas: internamente, aumentando suas capacidades militares, políticas e econômicas; e externamente, por meio da formação de coalizações, alianças, etc.

Apesar da diversidade de correntes dentro do realismo<sup>3</sup>, é incontroversa a influência de Kenneth Waltz para todas elas. As publicações “*Man, the State, and the War*” (1959) e “*Theory of International Politics*” (1979) são considerados um dos maiores legados para a corrente realista em linhas gerais, e para o campo das Relações Internacionais. Bem como a publicação de Morgenthau “*The politics among nations*”, de 1948, esta última com estima particular para os realistas clássicos.

De outro lado, os liberais ou utópicos, como chamados inicialmente, são herdeiros da tradição Iluminista, que acredita na evolução, progresso e libertação humana por meio do uso da razão. No surgir da disciplina de Relações Internacionais, essa corrente buscava compreender quais seriam as condições para que uma paz duradoura pudesse reinar no sistema internacional. Diante disso, propuseram três “fórmulas” para que um mundo mais cooperativo pudesse emergir, as instituições, o livre comércio e a democracia.

As instituições propiciariam um mundo mais harmonioso e cooperativo, já que a resolução de controvérsias não se daria por meio do uso da violência, mas sim pela arbitragem, pelas normas que definem como os Estados devem se comportar, que são ditadas, em última instância, pelas instituições (Nogueira e Messari, 2005).

Outro fator que tornaria o mundo mais cooperativo seria o livre comércio. O argumento mais ‘corriqueiro’ e antigo para a defesa desse argumento é de que o livre comércio aproxima as pessoas, criando laços afetivos e diminuindo a probabilidade de que Estados que mantêm relações comerciais entrem em guerra (Russet, 2013).

A defesa da democracia pelos liberais, em resumo, é sustentada a partir do argumento de que os governos democráticos procuram resolver suas controvérsias por meio da arbitragem institucional e por meio do Direito Internacional. A guerra se torna mais improvável de eclodir em tais regimes, visto que a decisão de ir a uma guerra precisa

---

<sup>3</sup> Entre essa diversidade, destacamos, o realismo clássico, realismo estrutural, realismo ofensivo, realismo defensivo e realismo neoclássico. A pressuposição de que o sistema internacional é anárquico é convergente entre todas as correntes, mas o ponto discordante está nos incentivos que esse sistema oferece aos atores estatais. O realismo defensivo, por exemplo, acredita que o caráter anárquico do sistema internacional oferece incentivos para os Estados manterem seu *status quo* da balança de poder, desde que esta seja favorável. Já o realismo ofensivo, acredita que a estrutura anárquica do sistema internacional oferece incentivos para que os Estados busquem sempre maximizar seu poder e segurança. Sendo assim, o objetivo último dos Estados é a busca por hegemonia mundial, ou seja, pela ordem unipolar, já que somente nessa configuração, poderiam estar livres de possíveis ameaças externas (Labs, 1997).

necessariamente passar por outras instituições ao nível nacional e também pelo crivo da opinião pública (Nogueira e Messari, 2005).

## **2. A VIRADA INTER PARADIGMÁTICA**

A abordagem realista, em especial, e sua atualização, o neorealismo, tornam-se insuficientes para explicarem a emergência de novos cenários na política internacional, como a mudança qualitativa na agenda internacional - surgimento de assuntos de esfera econômica, propiciado, principalmente, por países em desenvolvimento e recém-descolonizados na África – não fazendo mais sentido a distinção realista entre *high e low politics*; o surgimento de novos atores não estatais e suas redes de influência pelo globo, etc.

Com o debate polarizado entre as atualizações do realismo e do liberalismo (debate neo-neo) até a década de 1980, as Relações Internacionais começam a se abrir para abordagens inter-paradigmáticas, incorporando teorias de ciências vizinhas que estão exercendo influência sobre as humanidades em um geral, aplicado para o entendimento do fenômeno internacional. É diante deste cenário que emergem as contribuições das teorias construtivista, crítica, feminista, marxista, pós-estrutural/pós-moderna, pós-colonial.

Tema de interesse aqui neste artigo, o pós-modernismo<sup>4</sup> é incorporado no debate das Relações Internacionais a partir da década de 1980. Os pensadores pós-modernos se caracterizam pela desconfiança e descrença na possibilidade de reformar o projeto iluminista, em linhas gerais, a crença na libertação humana por intermédio do uso da razão. Suas principais críticas são dirigidas à corrente positivista. Para o positivismo, a teoria deve refletir uma realidade objetiva, independente do sujeito que observa. Dessa forma, qualquer teoria que não esteja fundamentada em um método empírico de observação corre o risco de cair no idealismo ou tornar-se irrelevante pela falta de rigor científico (Nogueira e Messari, 2005).

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar, que, embora, as correntes pós-moderna e pós-estrutural possuam especificidades, em vários momentos neste artigo, assumiremos elas como idênticas. As principais afirmativas, críticas e os principais cânones são semelhantes. O manual clássico de Relações Internacionais, de Nogueira e Messari (2005), também assumem as correntes de forma igual.

A corrente positivista deriva do Iluminismo, que queria livrar a humanidade do dogma religioso, mas que segundo Campbell (2013), acabou se transformando em um, limitando o conhecimento à razão científica. Ainda segundo o autor, essa visão pode ser encontrada em três afirmativas empiristas. A primeira, o “realismo epistêmico”, é a visão de que há um mundo externo, e sua existência e significado independem do observador. A segunda, “linguagem científica universal”, deriva da crença de que o mundo externo pode ser descrito em uma linguagem que não pressupõe nada, o que permite ao observador neutralidade. A terceira, “correspondência da teoria com a verdade”, enuncia que o observador consegue “capturar” os fatos do mundo, caso eles sejam verdadeiros.

Em oposição à essa visão, os pós-positivistas acreditam que todo processo de análise da realidade social envolve alguma forma de interpretação. Diante disso, nossos pressupostos devem estar sempre abertos à discussão para que novas visões alternativas possam surgir. Esses teóricos acreditam que a experiência humana é rica e diversa demais para que sua existência seja delimitada por um discurso científico que se pretende neutro e universal. Nessa visão, todo conhecimento produzido, toda ‘verdade’ é uma afirmação de poder que reflete estruturas de dominação, que pretendem, por meio do discurso científico, apresentar-se como neutras e naturais (Nogueira e Messari, 2005).

Fica evidente, portanto, que os pós-positivistas em geral estabelecem uma relação entre conhecimento e poder. Dito em outras palavras, as teorias, conceitos e métodos que ganham hegemonia em um dado campo científico sempre se dão a dispêndio - por meio da exclusão - de uma ampla gama de possibilidades de teorias e conceitos.

Segundo Derian (1989), o pós-positivismo “perturbou” muitas das convenções que permaneceram como ‘verdades naturais’ do campo. As práticas pós-estruturais têm sido utilizadas criticamente com a finalidade de investigar como o sujeito das relações internacionais é constituído por meio de discursos e textos da política internacional. Dessa forma, o pós-estruturalismo ou pós-modernismo tem como objetivo desconstruir ou desnaturalizar, por meio de detalhadas interpretações de conceitos, linguagens e textos, o que se constitui enquanto discursos privilegiados nas Relações Internacionais. O método é ‘perturbar’ as maneiras habituais de pensar e agir nas relações internacionais, e o objetivo é trazer novos caminhos alternativos para o campo:

*Not so much a method as a form of intellectual activity, this deconstructive process often alienates familiar language (to show how discourses construct rather than simply reflect reality), dismantles fixed oppositions and hierarchies (between fact and fiction, male and female, self and other), and challenges literary conventions (that textual meaning is exhausted by authorial intention) and positivist practices (where the scientific manipulation of facts yield objective truths) (Deleuze, 1989: 4).*

Em suma, o pós-estruturalismo estuda as práticas culturais em todas as suas dimensões. Os autores dessa corrente se recusam a pensar as identidades, individuais ou coletivas, como dadas ou não problemáticas. Ao invés, eles veem a identidade como culturalmente construída por meio de uma série de exclusões. Os eventos, atores e problemas que são entendidos como constituídos por uma ordem independente sempre dependem da marginalização e exclusão de outras identidades e histórias (Campbell, 2013).

O pós-modernismo emerge após a II Guerra Mundial. A abordagem representa e interpreta a cultura indeterminada, pluralística e mais globalizada do mundo da Guerra Fria. Exemplos desse movimento são as músicas de Madonna e os desenhos de Andy Warhol. Portanto, o pós-modernismo se refere a formas culturais inspiradas pela condição de aceleração do tempo e espaço, e pelo hiper-consumismo que experimentamos na era globalizada chamada pós-moderna. Pós-modernismo é a formação política, cultural, econômica e social que resulta das mudanças nas relações entre tempo e espaço. Os eventos que influenciaram o pós-modernismo estão associados às lutas de resistência contra poderes estabelecidos e blocos imperiais, tal como a guerra do Vietnã e da Argélia; o movimento de maio de 1968 na França; a expressão cultural na Iugoslávia; as demandas por justiça econômica no terceiro mundo; movimentos por direitos civis e o movimento feminista (Campbell, 2013).

Anterior ao pós-modernismo, o Modernismo foi um estilo cultural predominante de 1890 até a eclosão da II Guerra Mundial. Abrange ideias e valores no desenho, escultura, música, arquitetura e literatura do período; momentos de grandes agitações políticas, científicas, sexuais e familiares na Europa e nos EUA. Também abrange o período de expansão imperialista e do colonialismo; revolução industrial; crença de que as máquinas poderiam oferecer uma melhora nas condições sociais, aumentar a riqueza e superar as limitações humanas. Mas o impacto dessas inovações em sociedades pré-mecanizadas gerou medo da ordem existente, e essa esperança de melhora das condições sociais acabou com a eclosão da I Guerra Mundial. O futuro perdeu seu fascínio e a arte se tornou cheia

de ironia, desgosto e protesto. A II Guerra Mundial, o Fascismo, o Holocausto e a colonização tiraram qualquer possibilidade de novidade das formas culturais modernas (Campbell, 2013).

Uma das principais fontes de inspiração para os pós-modernos é Michel Foucault (1984, *apud* Nogueira e Messari, 2005). Para esse autor, o conhecimento é produzido no âmbito das redes de poder. O conhecimento é entendido como um mecanismo de produção de verdade em um determinado regime de poder. A modernidade aqui é entendida como uma forma de dominação em que operam mecanismos de disciplina e vigilância muito mais sofisticados e eficazes, visto que o indivíduo vai internalizar os códigos e normas morais que os tornam socialmente funcionais, tudo com um discurso de uma ampliação constante da liberdade e autonomia individuais.

Os pós-modernos aceitam a natureza contingente da vida política, argumentando que não há um “chão” fixo e estável sobre o qual é possível acessar a natureza, o conhecimento, os valores comuns, a verdade, a política e a vida em si mesmo. Os autores dessa corrente reconhecem que a linguagem é pré-condição para a representação, e por extensão, todo conhecimento significativo que é produzido sobre o mundo, o que representa a chamada “virada linguística”. Em outras palavras, todo nosso conhecimento é intrinsecamente ligado às linguagens que empregamos. Portanto, nosso conhecimento dos fatos não pode se separar das relações que estabelecemos com eles, contrariando o argumento positivista (Bleiker, 2009).

Em suma, os pós-modernos/pós-estruturais desenvolvem suas principais críticas em direção ao positivismo, sua forma de conhecer, de agir e representar o mundo. Os autores dessa corrente, postulam que há uma íntima relação entre conhecimento e poder, e que o conhecimento produzido é indissociável do sujeito que observa.

### **3. AS ABORDAGENS ESTÉTICAS EM RI**

A relação entre estética e política é pensada inicialmente pelo filósofo Jacques Rancière (2005). Essa relação é pensada a partir de seu conceito chave: partilha do sensível. Tal conceito diz respeito a quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do

tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Dito em outras palavras, ter uma ocupação determina competências e incompetências para o comum.

Segundo Pallamin (2010), o pensamento do filósofo implica em um deslocamento em relação a um determinismo estético ou da estética enquanto associada a teorias da arte, filosofia e ciência do belo. A partir do pensamento do autor, a política começa a ser pensada como possuindo uma dimensão estética que lhe é inerente.

Já quando o assunto é virada estética nas Relações Internacionais, os trabalhos de Roland Bleiker se constituem enquanto exemplares na área. O autor é responsável por abrir este vasto campo de pesquisa, pensando teoricamente e metodologicamente, novas formas de se pensar a relação entre a estética e a política internacional.

Segundo Bleiker (2017), a apreciação da estética nos oferece possibilidades para repensar, rever, escutar e sentir novamente o mundo político em que vivemos. ‘Abrir’ o espaço de pensamento envolve criatividade e também incertezas, associado com o ‘rompimento’ das convenções da disciplina:

*Aesthetic politics, in this sense, is about the ability to step back, reflect and see, hear and sense political conflict and dilemmas in new ways. Aesthetics thus refers not only to practices of art – from painting to music, poetry, photography and film – but also, and above all, to the type of insights and understandings they facilitate (Bleiker, 2017: 261).*

Bleiker (2009), realiza uma distinção entre abordagens miméticas e abordagens estéticas. As primeiras, buscam representar o mundo da forma como ele é, o mais realisticamente possível, ou seja, são abordagens positivistas, que acreditam na separação entre sujeito e objeto, e na empiria como validação do conhecimento. Em contraposição, as abordagens estéticas assumem que há sempre um *gap* que se abre entre a forma de representação e o que é representado de fato. Segundo o autor, muitos estudos em RI ainda continuam a ser guiados pelas abordagens miméticas, mas desde a década de 1980, com a abertura interparadigmática, podemos ver que muitos autores começaram a questionar esse modo de representar o mundo político. Nas palavras do autor, o realismo tornou o “real”, um objeto de desejo. Portanto, as abordagens miméticas não dedicam atenção entre o que é representado e sua representação. Vários estudos de neurociência mostram que a realidade

externa é uma construção do cérebro, dessa forma, o mundo político não existe *a priori*, ele só é possível e ganha forma a partir da nossa representação. As abordagens estéticas não recusam a existência dos fatos ou reivindica que o mundo real não existe. Ao invés disso, afirma que a representação é sempre um ato de poder. Essas abordagens promovem interações produtivas entre diferentes faculdades mentais, ampliando a sensibilidade e o discernimento, ao invés de se limitar a práticas da razão que triunfou na Revolução Iluminista (Bleiker, 2009).

As abordagens estéticas acreditam que há significativos problemas com as abordagens miméticas que são dominantes na política internacional. Muitas dessas abordagens falham ao não reconhecer e tratar de sua própria estética. O realismo, por exemplo, segundo Bleiker (2009), contém poucos ou nenhum elemento de “ironia” ou auto reflexão. Dessa forma, as Ciências Sociais não são apresentadas como uma forma de representação. O objetivo permanece sendo ignorar o *gap* existente entre a representação e o que é representado. A corrente realista, em especial, tem formado como percebemos as fronteiras entre o racional e o irracional. Como resultado, nós esquecemos se entendemos interpretações realistas por notar semelhanças do mundo ou se nós notamos as semelhanças como resultado de ter internalizado interpretações realistas. O principal problema da mimese é a impossibilidade da perfeita semelhança entre o que se quer representar e o que é representado. Na linha de argumentação do autor, as abstrações de Waltz, são obcecadas com a categorização e a legitimidade científica, ao invés de “celebrar a diversidade da vida” (Bleiker, 2009).

Para ampliar nosso entendimento da política internacional, se requer mais do que a adição de camadas de interpretação. O que se requer é uma reorientação fundamental de pensamento e ação, uma mudança para longe do senso comum imposto por poucas faculdades dominantes em direção a um modelo de pensamento que habilite fluxos produtivos entre as diferentes faculdades discordantes. Dito em outras palavras, precisamos nos mover para abordagens que nos “forcem a pensar”, fora da estrutura convencional em RI. A estética é uma ferramenta essencial para promover tais mudanças em sensibilidade, seja através da figuração ou abstração. O modelo estético de pensamento desafia a construção do senso comum que é dado nas Ciências Sociais e a razão instrumental, em um

geral. O significado do conhecimento estético reside precisamente no fato de que ele requer múltiplas faculdades (Bleiker, 2009).

Em suma, a virada estética nas Relações Internacionais ressalta a importância da multidisciplinariedade, incorporando contribuições da Psicologia, das Artes, da Ciência Musical, da Neurociência, entre outros. Dessa forma, são incorporados nas análises da política internacional, músicas, emoções, filmes, e todo o campo das Artes em geral.

#### **4. 11 DE SETEMBRO E ESTÉTICA**

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA são vistos e entendidos comumente em RI como uma ameaça à soberania nacional, como uma falha do aparato de inteligência estatal, uma destruição do senso de segurança doméstica nos EUA e como a data inaugural da “guerra ao terrorismo”. A data também marca uma novidade, a ameaça de atores não estatais, que não conseguem ser precisamente definidos e localizados, em comparação com as ameaças estatais. Mas a abordagem estética enfatiza que as análises políticas focadas na razão não foram capazes de captar o “lado emocional” dos eventos. Muitos pesquisadores afirmaram que os atentados não foram apenas direcionados a alvos físicos, mas aos representantes do poder. Segundo Susan Neiman (2003, *apud* Bleiker, 2009), momentos como estes desafiam a capacidade humana de entendimento e desencadeiam um colapso das confianças mais básicas no mundo.

Segundo Bleiker e Hutchison (2008), as emoções desempenham uma importante função na política internacional, sendo que tais implicações são evidentes num contexto de mundo globalizado. No entanto, tal questão ainda não havia recebido a devida importância nas Relações Internacionais. As imagens do ataque terrorista de 11 de setembro, por exemplo, têm um impacto emocional decisivo em como as pessoas ao redor do mundo percebem questões de segurança e identidade nacional<sup>5</sup>. A guerra ao terror promovida após os ataques não poderia ser possível sem o impacto emocional causado pelos atentados e pelo apelo emotivo governamental de defender o mundo do “bem contra as forças do mal”. O

---

<sup>5</sup> No entanto, os autores reconhecem que não é somente as emoções de medo e ódio que desempenham uma importante função no mundo político. A compaixão e a empatia também exercem função similar. Exemplos disso são a solidariedade transnacional que foi demonstrada após o tsunami que devastou parte do leste e sul da Ásia em 2004 (Bleiker e Hutchison, 2008).

medo, por exemplo, é fundamental para a teorização realista dos dilemas de segurança, mas poucos autores identificam explicitamente tais emoções. A única exceção a esse quadro é a tradição que explora a função da psicologia na política externa<sup>6</sup>. Mas ainda assim, segundo os autores, as emoções não foram exploradas completamente, em parte porque as emoções são vistas como ‘desvios da racionalidade’. No entanto, os autores pontuam que Jonathan Mercer e Neta Crawford (1996, *apud* Bleiker e Hutchison, 2008) foram um dos primeiros teóricos a pontuar tal *gap*.

Mercer (2005) rompe com um ‘determinismo’ que tende a atribuir a psicologia como sendo uma ciência que explica somente erros ou enganos. Segundo o autor, tal crença resulta em três mitos: que as explicações racionais são livres de psicologia; que as explicações psicológicas demandam uma base racional e que a psicologia não consegue explicar julgamentos precisos. Ainda no argumento do autor, ao rejeitarem tais crenças, os racionalistas e psicólogos políticos são capazes de verem as emoções e a cognição como contribuindo para o comportamento racional.

De outro lado, Crawford (2000) pontua a necessidade de se pensar as maneiras pelas quais as emoções e os relacionamentos emocionais afetam a maneira pela qual os indivíduos e grupos percebem, pensam e agem. Segundo ela, o medo, a raiva e a empatia mereciam atenção mais sistemática pelos pesquisadores da política internacional. A autora acredita que pesquisas sobre emoções conduziria a uma nova conceituação sobre a agência e os agentes na política internacional, visto que os seres humanos fazem decisões que são classicamente auto interessada e emocional.

Apesar dessas contribuições, Bleiker e Hutchison (2008) argumentam que há poucas investigações sistemáticas que levam as emoções a ‘sério’. Os autores argumentam que a escassez de trabalhos sobre como estudar as emoções pode ser explicado pelo fato que muitos dos teóricos de RI - incluindo as contribuições construtivistas - tendem a assentar seus trabalhos em métodos científicos sociais tradicionais (positivistas). No entanto, na linha de argumentação dos autores, as emoções são muitas efêmeras para serem entendidas exaustivamente pelo tipo de investigações sistemáticas que caracterizam as Ciências

---

<sup>6</sup> A função das percepções e imagens em política externa foi uma importante agenda de pesquisa na primeira geração de análise de política externa. Os autores que trabalhavam nessa linha de investigação tentavam entender como a cultura, história, geografia, instituições políticas, ideologia, demografia e outros fatores formavam o contexto social na qual os *decision-makers* operavam (Hudson, 2005).

Sociais, já que as emoções não podem ser quantificadas e nem mensuradas, até mesmo em termos qualitativos.

Dessa forma, os autores argumentam por uma reorientação metodológica que examine processos de representação e como as representações visuais das emoções formam as dinâmicas e percepções políticas. Tal reorientação requer uma comunicação mais ativa e aberta entre as diferentes disciplinas acadêmicas e campos de conhecimento. Os autores acreditam ser necessário se engajar com a literatura ortodoxa de RI para revelar porque tais teorias não levam as emoções a ‘sério’ e para situa-las no ‘centro’ dos debates da disciplina (Bleiker e Hutchison, 2008).

Logo após os ataques, uma série de poemas, músicas e filmes são lançados. Entre os filmes, podemos destacar, *World Trade Center*; *September 11*; *United 93*; *Fahrenheit 9/11* e em relação aos conflitos com o Iraque e Afeganistão, *The Valley of Elah*; *A mighty heart*; *The kingdom*; *Lions for lambs*; *The Kite Runner* e *Rendition* (Bleiker, 2009).

Segundo Engert e Spencer (2009), os filmes se constituem enquanto importante instrumento didático no ensino das Relações Internacionais. De acordo com o argumento dos autores, os estudantes gostam de tais materiais visuais e estão dispostos a lidar com eles. Além do mais, utilizar filmes na sala de aula também é proveitoso, visto que os filmes envolvem o uso de ambas metades do cérebro, tornando o ensino mais fácil e didático, ao tornar os conceitos abstratos mais fáceis de serem compreendidos. Além disso, os filmes ‘desenvolvem’ as emoções, o que contribui para o processo de aprendizagem. O uso dos filmes também contribui para reduzir a hierarquia na sala de aula e encorajar a discussão. De outro lado, as dificuldades residem na visão de que os filmes podem ser vistos como não científicos; certas partes dos filmes podem ser irrelevantes quando se busca compreender determinada questão em específico; filmes se focam em algumas questões da política internacional e negligenciam outras. Alguns autores também argumentam que os filmes possuem um viés eurocêntrico.

No entanto, após avaliar os prós e contras no uso de filmes como ferramenta didática em RI, os autores acreditam que os benefícios superam em demasia os problemas de tal ferramenta. Isso não significa que os autores defendam uma substituição dos filmes em detrimento das leituras de textos, artigos e livros essenciais para a compreensão das

relações internacionais, mas que uma combinação dos dois métodos de ensino poderia ser proveitosa (Engert e Spencer, 2009).

Essa pluralidade de produção artística pós-atentados se deve ao caráter altamente emocional que provoca nas pessoas, suscitando memórias da morte, do sofrimento e do trauma. Tais emoções geralmente ‘clamam’ por ação política, que na maioria das vezes, envolvem sentimentos de “vingança” que vão além da necessidade de provisão de segurança. Segundo Bleiker e Hutchison (2008), para termos uma melhor compreensão sobre a função que as emoções desempenham na política internacional, se faz necessário ferramentas que vão além das que são aplicadas e aprovadas pela ciência social.

*We also need modes of analysis that capture the more elusive emotional elements of political events, their mood and spirit, the manner in which they matter deeply even though scientific or even verbal forms of communication may not be able to express, let alone objectively measure them (Bleiker e Hutchison, p. 126, 2008).*

Com o objetivo de identificar o tipo de método que poderia facilitar uma abordagem para compreender a política das emoções, os autores reconhecem que têm um “débito” particular com as contribuições feministas, visto que a teoria feminista possui uma longa tradição no pensamento de como os cientistas sociais pensam e fazem suas pesquisas. Uma das principais contribuições reside em se questionar o que significa uma ‘boa pesquisa’. Muito do “repensar” feminista sobre a natureza do conhecimento e investigação acadêmica emergiu a partir da separação entre corpo e mente, razão e emoção. A razão tem sido associada com membros de grupos dominantes culturalmente, socialmente e politicamente, enquanto a emoção é relegada aos menos poderosos e marginalizados. Em direção oposta, a teoria feminista argumenta que a emoção são partes inseparáveis da vida pessoal, social e política. Apesar desses *insights*, há poucas pesquisas na teoria feminista que situam as emoções como cerne (Bleiker e Hutchison, 2008).

A partir dessa identificação, os autores propõem algumas ferramentas que permitiriam uma ampliação metodológica nas análises sobre emoções. A primeira proposição é de natureza ampla e preliminar: dimensões políticas importantes das emoções só podem ser apreciadas se os pesquisadores aceitarem que esse tipo de conhecimento não consegue necessariamente produzir um conhecimento com certezas, objetivo e mensurável. Conhecimentos sobre emoções podem ser avaliados não por algum padrão *a priori* de

referência, mas por sua habilidade de gerar novas e valiosas perspectivas políticas. A segunda proposição é a de estudar as emoções como elas são representadas e comunicadas. As emoções são comunicadas de variadas formas, como discursos políticos, declarações constitucionais, representações televisionadas de fome, terrorismo ou qualquer outro evento político (Bleiker e Hutchison, 2008).

Duas razões de porquê investigar as representações são fundamentais para entender a função das emoções na política internacional são: as representações são tudo o que temos para entender as emoções. Visto que as emoções são inerentemente internas, nós só conseguimos conhecer elas por meio de práticas de representação, através de narrativas, gestos ou outras maneiras de comunicar sentimentos e crenças. Dito em outras palavras, as representações são essenciais para se conhecer a política das emoções. Isso se torna mais precisamente visível em tempos de crise<sup>7</sup>. A segunda razão apresentada é porque as representações importam e elas ‘fazem’ isso de uma maneira altamente politizada. Representação é o processo pela qual as emoções individuais adquirem uma dimensão coletiva, que formam processos sociais e políticos. Dessa forma, segundo os autores, localizar as representações visuais e as comunicações é um passo importante para ‘apreciar’ a política das emoções. Tal ‘localização’ implica em exclusão. Alguns eventos políticos, de desastres naturais são representados e alcançam o mundo todo, provocando solidariedade, enquanto outros são relegados ao esquecimento (Bleiker e Hutchison, 2008).

Na compreensão dos autores, para entender e avaliar as ligações entre as emoções e o mundo político, precisa-se ampliar as ferramentas analíticas e descritivas. Segundo eles, muitas tradições no campo das humanidades conseguem oferecer importantes fontes e métodos para o estudo das emoções, como por exemplo, métodos aplicados na etnografia, arquitetura, história da arte, musicologia e estudos midiáticos. As fontes estéticas (literatura, cinema, fotografia, artes visuais e músicas) desempenham uma função importante em ‘iluminar’ os aspectos emocionais da política (Bleiker e Hutchison, 2008).

Em resumo, na visão de Bleiker e Hutchison (2008), para um melhor entendimento da relação entre as emoções e a política internacional, se faz necessário usar todas as nossas

---

<sup>7</sup> No entanto, segundo os autores, isso não significa dizer que as emoções somente importam durante eventos traumáticos. As emoções desempenham uma função importante em todos os momentos. Elas estão assentadas em como as comunidades - incluindo os estados - se organizam e funcionam, por exemplo (Bleiker e Hutchison, 2008).

ferramentas perceptivas e cognitivas, ao invés de se assentar em métodos científicos sociais de forma isolada. Em outras palavras, os autores advogam por uma maior interdisciplinaridade.

Após os atentados terroristas, também foram lançados inúmeros romances que retratavam toda a tragédia e os sentimentos que emergiram a partir deste acontecimento. Um exemplo deste gênero é o premiado romance de Frederic Beigbeder “*Windows on the World*” (Folha de São Paulo, 2005). Entre tantas produções de romances pós-ataques, destacam-se também: *Netherland* de Joseph O’Neill; *Saturday* de Ian McEwan; *Extremely Loud and incredibly close* de Jonathan Safran Foer; *Falling Man* de Don DeLillo; *The good life* de Jay McInerney; *Orpheus Lost* de Janette Turner Hospital; *The good Priest’s son* de Reynolds Price; *Writing on the wall* de Lynne Sharon Schwartz (Bleiker, 2009).

Segundo Whitebrook (1996), os romances, em sua forma e em seu conteúdo, contribuem para o entendimento político, visto que tais formas literárias permitem a reflexão e, conseqüentemente, discriminação e julgamento, sendo, portanto, relevantes politicamente na medida em que a política está preocupada com o julgamento e a escolha. Os romances apresentam escolhas, as implicações e as conseqüências das escolhas. Dessa forma, este gênero literário oferece *insights* na teoria política sobre o problema de Maquiavel, qual seja, de que os indivíduos fazem escolhas na medida em que são agentes políticos, lidando com dilemas políticos particulares a partir dessas escolhas, os problemas de responsabilidade. Os romances também contribuem para a representação do caráter, ao levar em consideração a maneira pela qual os indivíduos constroem e mantem suas identidades, incluindo as implicações e resultados políticos de tal processo. Em suma, na visão da autora, os romances deixam claro a ligação existente que há entre a moral e a política:

*The political theorist is, as it were, concerned with questions of how one should behave politically— the ways in which individuals acting publicly, in conflict or consensus with others, make choices, exercise responsibility. Those questions are also in effect the themes of modern novels, which thus offer assistance to that aspect of political theory which is concerned with formulating an ‘ethic of action’ (Whitebrook, 1996: 48).*

Além de filmes, poemas e romances, também foram lançadas obras de artes retratando os acontecimentos para além do conhecimento científico positivista. Entre estas, podemos destacar, “WHY Project”; “ARTproject”; “Rhizome”; “Arts Healing America”. Esses

projetos de obra de artes tratavam dos ataques terroristas e de seus resultados, buscando trazer a arte para o que aconteceu, “curando” e “reconstruindo” o Eu e a comunidade; abrindo novas vias de discussão e expressão através da intervenção cultural. (Bleiker, 2009).

Além destas, foram feitas e circuladas inúmeras histórias em quadrinhos, quadros, imagens e fotografias que retratavam os atentados de 11 de setembro e suas consequências políticas. No contexto dos atentados terroristas, o outro islâmico foi construído como ‘eles’, os inimigos responsáveis por tais atentados e, portanto, o 11/09 se torna uma justificção para a violência contra todos aqueles rotulados como ‘outros’ islâmicos. O Iraque e o Afeganistão foram países ‘preenchidos’ pelo outro islâmico. A partir da análise de quadrinhos no contexto dos atentados, Hanlon (2014) argumenta que estes expõem como o ‘outro’ é representado a partir de um paciente, que busca ajuda se questionando “por que eles nos odeiam tanto”. Dessa forma, o outro islâmico é mobilizado enquanto responsáveis pelos atentados, munindo os norte-americanos de um contra-ataque. O processo de justificar esses ataques e os alvos escolhidos para tais ataques também são representados.

A partir da análise de histórias em quadrinhos do Capitão América, Pedroso (2014), argumenta que tais podem ser inseridas nos debates políticos, acadêmicos e culturais ocorridos no pós-11 de setembro, ao defender a ‘paz’ e a união do povo americano diante dos atentados terroristas. Estas histórias em quadrinhos também transmite os sentimentos de dor, fragilidade, angústia, insegurança e medo que os atentados despertaram. Além do mais, expõem críticas aos sentimentos de vingança e ódio que emergiram no contexto pós-atentado. Segundo o autor, tal ódio vingativo contribuiria para uma desunião entre o povo norte-americano, o que os desarticulária na luta contra os terroristas. Ainda segundo ele, os novos inimigos do povo norte-americano são representados como monstros, ainda que não fisicamente.

As fotografias também tem sido outro recurso utilizado para estudos de acontecimentos políticos internacionais. As fotografias dos aviões se chocando contra as torres gêmeas, de pessoas se jogando dos prédios desperta um misto de sentimentos e emoções e nos permite analisar os fatos a partir de outro ângulo. Segundo Campbell (2013):

Fotografias, especialmente as impressas ou quadros de filme, são especialmente aptas para uma análise pós-estrutural porque colocam em primeiro plano, a

representação. Essas imagens têm sido produzidas culturalmente como documentos autoritários que testemunham atrocidades e injustiças, em grande parte porque eles são aceitos como janelas transparentes em um mundo já existente. Através da fotografia nós somos capazes de ver as coisas como elas são. No entanto, imagens geradas tecnologicamente são tudo, menos registros objetivos de uma realidade externa. Necessariamente são construções em que a localização do fotógrafo, a escolha do tema, o enquadramento do conteúdo, a exclusão de contexto e limitações na publicação e circulação inevitavelmente criam um sentido particular de lugar povoado por um tipo particular de pessoas (Campbell, 2013: 239, tradução nossa).

Segundo Bleiker (2015), as imagens não são um fenômeno novo ou que substituiu as palavras como meio de comunicação, mas elas são produzidas e circulam cada vez de maneiras mais rápidas e complexas, num contexto de rápida mudança da economia midiática global. As imagens ‘funcionam’ através de diferentes níveis: entre nações e entre o mundo físico e mental. Elas funcionam de forma distinta das palavras, visto que são de natureza não-verbal, mas os pesquisadores precisam avaliar o significado político delas por intermédio do uso das palavras. Dessa forma, o significado das imagens depende sempre do contexto e interpretação. O autor reconhece que nas RI se tem reconhecido a importância que as imagens desempenham no cenário da política internacional, no entanto, não há trabalhos que ofereçam um método para avaliar a importância das imagens.

Seja filmes, fotografias ou imagens visuais, as imagens sempre contêm um certo excesso, uma parte que escapa de nosso entendimento, segundo Bleiker (2015). As imagens não falam por si próprias, elas precisam ser interpretadas. E essas interpretações possuem valores do interpretador, assim como o conteúdo da imagem em si mesmo. Parte da unicidade das imagens reside nos sentimentos e emoções que gera. O autor emprega a metodologia utilizada por Gillian Rose (2008 *apud* Bleiker, 2015), para a compreensão política das imagens. Tal autora distingue três diferentes ‘níveis’ de análise: a produção de uma imagem; a imagem em si mesmo e como elas são vistas por várias audiências. Cada um desses ‘níveis’ requerem um tipo diferente de método.

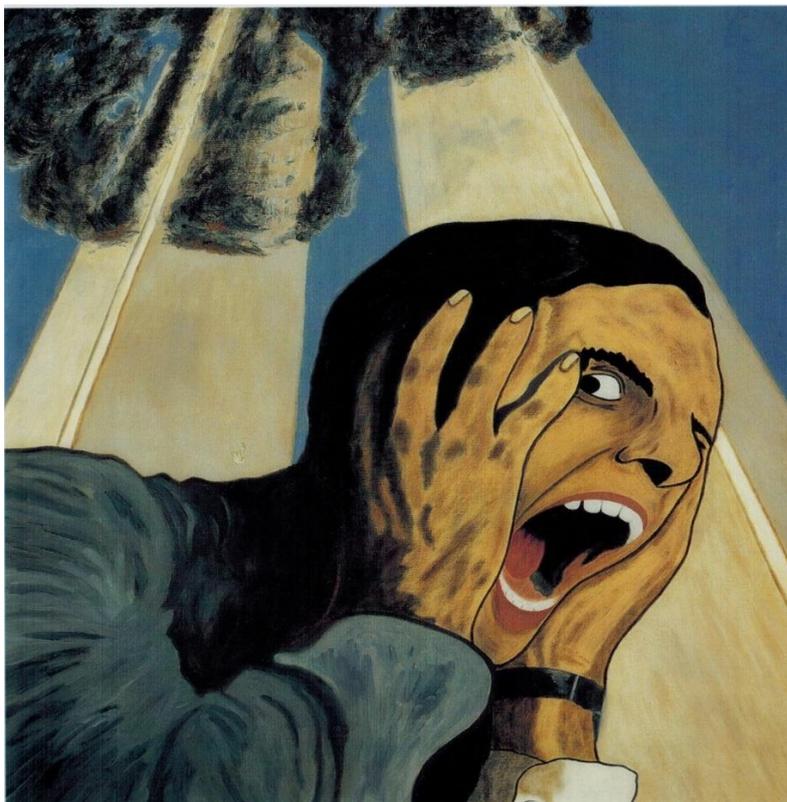
No ‘nível’ da produção de imagens, o objetivo está em entender como elas são ‘feitas’, visualizando não somente o tipo de processos técnicos e as escolhas que estão envolvidas, mas também as consequências éticas e políticas de tais produções. O desafio aqui está em entender os processos pelas quais as imagens são produzidas, selecionadas e se tornam notícias. Os métodos utilizados para tal compreensão incluem entrevistas e etnografia. Já no nível da compreensão das “imagens por si próprias”, o desafio é entender o conteúdo

atual das imagens. Os métodos requeridos são muitos, vão desde a semiótica (explora como as imagens trabalham por meio de signos e sinais), análises de discursos (examina as relações de poder envolvidas) e análises de conteúdo (mensura padrões de como as imagens representam o mundo). Finalmente, no ‘nível’ da compreensão de “como as audiências recebem as imagens”, a questão está no impacto atual das imagens. Um conjunto de métodos diferentes<sup>8</sup> são requeridos: entrevistas de audiência e observações. Outras opções são *surveys* quantitativos que avaliam as reações às imagens ou experimentos de laboratório neurocientífico. Um exemplo disso são os estudos que avaliam percepções políticas a partir de imagens de sofrimento que circulam na mídia global.

Em suma, para avaliar o impacto político de uma imagem, Bleiker (2015) acredita que se faz necessário o uso de diversos métodos heterogêneos, complementares ou até mesmo contraditórios, visto que somente tal combinação poderia compreender a natureza complexa das políticas visuais. Alguns dos métodos levantados pelo autor são a etnografia, a análise de discurso, a semiótica, a análise de conteúdo e os *surveys* experimentais: “*The world is and always has been far too complex to be understood through social scientific methods alone, no matter how sophisticated they are. We need the full spectrum of knowledge to understand and face the challenges that make up global politics*” (Bleiker, 2015: 87). E tendo em vista que as imagens precisam ser sempre interpretadas, o autor acredita que os pesquisadores deveriam expor os caminhos interpretativos tomados.

---

<sup>8</sup> O autor reconhece que o uso de diversos métodos pôde impor obstáculos, como a percepção de que os autores que utilizam tais métodos são “amadores”, ao não produzirem um conhecimento específico, detalhado; dificuldade de ter os trabalhos publicados. Ainda na linha de argumentação do autor, uma abordagem pluralística e interdisciplinar para estudar as imagens na política internacional só pode ser empregada se abandonarmos a ideia de que todos os métodos operam de acordo com as mesmas regras e padrões de evidência (Bleiker, 2015).



*The American Scream*, George Mullen, 2002.

Outra ferramenta artística pouca explorada nas relações internacionais são as músicas. De forma geral, foram feitas inúmeras músicas para retratar e dramatizar eventos políticos ao redor do mundo. Entre esse universo rico de produção, podemos citar, *Hello Vietnam*, de Jonny Wright (1965); *Masters of War*, de Bob Dylan (1963); *Devils and Dust*, de Bruce Springsteen (2005); *Lamento di guerra*, de Dieter Schnebel (1991); *This is War*, de Thirty Seconds to Mars (2009); *One day*, de Matisyahu. Esse último som, por exemplo, é uma súplica por um pedido de paz. A letra da música diz:

*All my life I've been waiting for  
I've been praying for  
For the people to say  
That we don't wanna fight no more  
There'll be no more wars  
And our children will play.*

Essa música foi regravada em 2018, em Haifa/Israel, unindo árabes, cristãos e judeus, em uma só voz, pedindo o fim de guerras e o conflito interminável entre israelenses e palestinos. Dessa forma, podemos perceber, como as artes possuem um papel político, de união, reconciliação e de luta por alterações nas configurações políticas atuais. Outros exemplos da relação entre a música e a política internacional são as músicas de Serj Tankian, em especial seu álbum *Harakiri*. O vídeo da música que leva o nome do álbum, é uma verdadeira aula de política internacional, principalmente no que tange aos dilemas ambientais mundiais contemporâneos. De outro lado, a música *Occupied Tears*, diz respeito a ocupação israelense aos territórios palestinos e todas as suas consequências. A letra da música diz: “*Holocaust, you tasted great fear/How can you just occupy another child’s tear?*”

Voltando ao 11 de setembro, também foram lançadas músicas, como o álbum de Bruce Springsteen, que incluem músicas como “*Into the Fire*” e “*My City of Ruins*” (Bleiker, 2009). Também, inúmeros poemas que demonstravam sensibilidade, inconformismo e tantos outros sentimentos diante deste acontecimento. Entre estes, podemos destacar, “*New York, 12 September, 2001*”, de Breyten Breytenbach; “*Ground Zero*”, de Robert Creeley; “*The old Neighbourhood*”, de Andrea Carter Brown; “*World Trade Center*”, de Julia Vinograd.

Salientando o caráter político da arquitetura pós-atentados, Bleiker (2009) mostra em seu livro como a construção de um memorial às vítimas dos atentados envolveu todo um debate público. O principal objetivo desta construção era encontrar um desenho que iria reparar a cidade e as almas feridas, um lugar para contemplação da perda e da nova vida. Um júri de treze pessoas foram os responsáveis por selecionar o projeto que iria ser construído, formado principalmente por profissionais das artes, incluindo Maya Lin, a designer do memorial da guerra do Vietnã. Após receber 5201 projetos, o júri anunciou oito finalistas em novembro de 2003. A ideia de abstração ganhou força durante esse processo, visto que a ideia de literalidade causava “espanto”. A reação pública, inicialmente, foi negativa, argumentando que o memorial seria “frio, sombrio e angular”. Alguns argumentavam que os projetos finalistas não conseguiam “capturar” o horror, o desespero, a crueldade e a injustiça que ali foi cometido. O projeto finalista foi o de Michael Arad “*Reflecting absence*”.

Esse memorial consiste de uma praça aberta com pinheiros. No meio disso, e submerso “trinta pés” abaixo do nível da rua, há enormes piscinas refletivas, marcando o espaço onde as torres gêmeas ficavam. Segundo o projetista do memorial, esse vazio “poderia ser lido como contendo perda, sendo tão próximo, mas ainda inacessível”. O projeto original previa a construção de duas “placas” com os nomes das vítimas, de forma aleatória, representando a aleatoriedade brutal da morte. Mas muitos parentes das vítimas, argumentaram que as placas eram muito impessoais e genéricas, reivindicando um conhecimento mais específico sobre o ocorrido. Também, muitos familiares de bombeiros e policiais que participaram do resgate, ameaçaram remover os nomes de seus entes, caso os nomes desses *officials* fossem colocados junto aos de civis. O projeto final, alterou essa questão, e colocou os nomes de civis e de bombeiros, policiais e outros agentes públicos de forma separada (Bleiker, 2009).

Em suma, quando se considera as contribuições das abordagens estéticas para os atentados terroristas do 11 de setembro, a segurança é mais que a tarefa de proteger o Estado, é uma importante procura por estabilidade, subsistência, dignidade, direitos humanos básicos e liberdade do medo. Segurança é sobre o imaginário político diante de como se vê a ameaça. Dessa forma, a arte se torna relevante politicamente ao contribuir nas discussões sobre a natureza das ameaças e seus impactos nas comunidades políticas; sobre a memória do trauma e sua formação na política futura; sobre a definição fundamental de segurança e o conseqüente relacionamento entre dentro e fora (Bleiker, 2009).

Em suma, a abordagem estética traz novos elementos para as análises internacionais, como a música, a literatura, os filmes, os romances, as emoções e todo o campo das artes em geral. A abordagem rompe e vai além do conhecimento positivista, buscando novas fontes de representação e questionando as existentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As abordagens estéticas, além de suas críticas tenazes às correntes positivistas, nos trazem novos elementos para análise dos fenômenos internacionais, aumentando nossa sensibilidade e combinando o uso de diferentes faculdades mentais, indo além da

metodologia estritamente empírica positivista. Portanto, a música, os poemas, os filmes, os quadros e todo o campo das artes, em geral, são ferramentas complementares e muito úteis, que nos permitem melhor compreender os acontecimentos políticos, enxergando-os a partir de outro ângulo e dando vida ao vasto campo de produção que se desdobra a partir desses acontecimentos.

Dessa forma, pudemos ver como as emoções, por exemplo, desempenharam importante função na sustentação e legitimação de políticas, como a “guerra ao terror”. A segurança, em termos mais amplos, diz respeito a como se vê a ameaça (Bleiker, 2009). Diante disso, o imaginário social, político e cultural desempenha importante função. Sendo assim, as imagens, filmes, músicas, as emoções, poemas, fotografias possuem um impacto político extremamente relevante na política internacional. Em relação aos atentados de 11 de setembro, a virada estética nas Relações Internacionais demonstra a importância da diversificação de métodos para a compreensão desse fenômeno político, incorporando inúmeras teorias e métodos de outras ciências e contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um campo mais plural de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BIAZUS, Camilla Baldicera et al. 2015. *Dicionário compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

BLEIKER, R. 2009. *Aesthetics and World Politics*. London: Palgrave Macmillan.

BLEIKER, R. 2015. “Pluralist Methods for Visual Global Politics”. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 43, n.3, pp. 872-890.

BLEIKER, R. 2017. “In Search Of Thinking Space: Reflections on the Aesthetic Turn in International Political Theory”. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 45, n.2, pp. 258-264.

BLEIKER, R; HUTCHISON, E. 2008. “Fear no more: emotions and world politics”. *Review of International Studies*, v. 34, pp. 115-135.

BROWN, Andrea Carter. 2010. “TENTH ANNIVERSARY ISSUE: A Tribute to Guest Editors”. *Beltway*. Disponível em: <<http://washingtonart.com/beltway/acbrown.html>>

- CAMPBELL, D. 2013. "Poststructuralism". In: DUNNE, T.; KURKI, M.; SMITH, S. (Orgs.). *International Relations Theories: discipline and diversity*. Oxford: Oxford University Press, pp. 223-246.
- CRAWFORD, N. 2000. "The passion of World Politics". *International Security*, v. 24, n.4, pp. 116-156.
- CREELEY, Robert. s.d. "Ground Zero". *Poets Against the War*. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20040919071559/http://poetsagainstthewar.org/displaypoem.asp?AuthorID=1641>>
- DENSON, G. Roger. 2011. "Michael Arad's 9/11 Memorial 'Reflecting Absence': More Than a Metaphor Or A Monument". *Huffpost*. Disponível em: <[https://www.huffingtonpost.com/g-roger-denson/michael-arads-911-memoria\\_b\\_955454.html](https://www.huffingtonpost.com/g-roger-denson/michael-arads-911-memoria_b_955454.html)>
- DERIAN, J. D. 1989. "The boundaries of knowledge and power in international relations". In: DERIAN, J. D; SHAPIRO, M. (orgs.). *International/Intertextual Relations: Postmodern readings of World Politics*. New York: Lexington Books, pp. 3-10.
- DIETER, Schnebel. "Lamento di guerra". 1991. (10m 48s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LL77cEPxboY>>
- DYLAN, Bob. "Masters of War". 1963. (5m 56s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=h2mabTnMHe8>>
- ENGERT, S. SPENCER, A. 2009. "International Relations at the Movies: Teaching and Learning about International Politics through Film". *Perspectives*, v. 17, n. 1, pp. 83-104.
- FOLHA DE SÃO PAULO. 2005. Romance sobre o 11 de setembro ganha prêmio. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2904200526.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- HANLON, L. 2014. "Picturing the enemy: the construction of the Islamic Other in Post-9/11 Comic Anthologies". Disponível em: <<https://fisherpub.sjfc.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1038&context=nepca>>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- HUDSON, V. 2005. "Foreign Policy Analysis: Actor-Specific Theory and the Ground of International Relations". *Foreign Policy Analysis*, v. 1, p. 1-30.
- LABS, E. 1997. "Beyond Victory: Offensive Realism and the Expansion of War Aims". *Security Studies*, v. 6, n. 4, pp. 1-49.
- MARS, T.S.T. "This is War". 2009. (6m 00s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zcps2fJKuAI>>

MATISYAHU. 2009. “One Day”. (3m 33s) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=WRmBChQjZPs>>

MATISYAHU. 2018. “One Day”. (4m 49s) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=XqvKDCP5-xE>>

MEARSHEIMER, J. J. 2001. “The false promise of International Institutions”.  
*International Security*, v. 19, p. 4-49.

MERCER, J. 2005 “Rationality and Psychology in International Politics”. *International Organization*, v. 59, n.1, pp. 77-106.

MORGENTHAU, H. 1948. *Politics among nations: the struggle for power and peace*.  
New York: Alfred A. Knopf.

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, N. 2005. *Teorias das Relações Internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Campus.

PALLAMIN, V. 2010. “Aspectos da relação entre o estético e o político em Jacques Rancière”. *Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo*, v. 12, n.2, p. 6-16.

PEDROSO, R.A.A. 2014. *Vestindo ainda mais a bandeira dos EUA: O Capitão América pós-atentados de 11 de setembro*. 142 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16012015-183159/pt-br.php>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

RANCIÈRE, J. 2005. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34.

RUSSET, B. 2013. “Liberalism”. In: DUNNE, T.; KURKI, M.; SMITH, S. (Org.). *International Relations Theories: discipline and diversity*. Oxford: Oxford University Press, p. 94-113.

SPRINGSTEEN, Bruce. “Devils and Dust”. 2005. (5m 11s). Disponível em  
<<https://www.youtube.com/watch?v=cG8ZQkeZvzc>>

SPRINGSTEEN, Bruce. 2002. “Into the Fire”. (5m 5s) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=ylt1ZqPZYOc>>

SPRINGSTEEN, Bruce. 2002. “My City Of Ruins”. (5m 0s) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=RnkJa6HdgJw>>

TANKIAN. Serj. 2012. “Harakiri Album”. (45m 18s) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=YyhIsPTpRNs&t=1709s>>

TANKIAN. Serj. 2012. “Harakiri”. 2012. (4m 34s) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=PQtRXqBQETA>>

TANKIAN, Serj. 2012. “Occupied Tears”. 2012. (4m 45s) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=9Qtyw84F5DM>>

VINOGRAD, Julia. s.d. “World Trade Center”. *Voice Compassion Education*. Disponível em:<<https://web.archive.org/web/20161003015853/http://voiceseducation.org/content/julia-vinograd-world-trade-center>>

WALTZ, K. 1959. *Man, the State, and War: a Theoretical Analysis*. New York: Columbia University Press.

WALTZ, K. 1979. *Theory of International Politics*. New York: McGraw-Hill.

WHITEBROOK, M. 1996. “Taking the narrative turn: what the novel has to offer political theory”. In: HORTON, J; BAUMEISTER, A (orgs.). *Literature and the Political Imagination*. London: Routledge.

WRIGHT, Jonny. “Hello Vietnam”. 1965. (3m 10s). Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=3JE4ILhcomo>>